



**VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
VI CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

EIXO VELHICE E PROCESSOS DE ENVELHECIMENTO

**Velhices plurais: sociabilidade e pertencimento em um Centro de
Convivência de Idosos**

Isabelle Andrade Moreno ¹¹

RESUMO

O presente artigo analisa a sociabilidade na velhice a partir de observações realizadas entre 2022 e 2023 em um Centro de Convivência de Idosos na região metropolitana de Londrina (PR), no contexto de reabertura das atividades após a pandemia de COVID-19. A pesquisa prioriza as experiências de mulheres idosas, considerando a baixa participação masculina no espaço. A investigação examina como as interações sociais, atividades coletivas e vínculos estabelecidos no centro contribuem para a construção de pertencimento, autonomia e reflexão sobre perdas. Conclui-se que os Centros de Convivência constituem espaços fundamentais de sociabilidade, suporte emocional e ressignificação das experiências do envelhecimento.

Palavras-chave: Centros de Convivência; gênero; sociabilidade; velhice

ABSTRACT

This article analyzes sociability in old age based on observations conducted between 2022 and 2023 in a Senior Community Center located in the metropolitan region of Londrina, Paraná (Brazil), during the reopening of activities after the COVID-19 pandemic. The research focuses on the experiences of older women, considering the low participation of men in the space. The study examines how social interactions, collective activities, and relationships established in the center contribute to the construction of belonging, autonomy, and reflections on loss. It concludes that Community Centers represent important spaces for sociability, emotional support, and the re-signification of aging experiences.

Keywords: Community Centers; gender; sociability; old age.

1. INTRODUÇÃO

A velhice, em sociedades capitalistas contemporâneas, tem sido frequentemente associada a imagens de declínio, dependência e perda de centralidade social. No entanto, pesquisas no campo da análise do envelhecimento demonstram que este é um processo heterogêneo, atravessado por marcadores de classe, gênero e trajetórias biográficas distintas. Este artigo parte da compreensão da velhice como construção social e histórica, buscando analisar as experiências de sociabilidade em um Centro de Convivência de Idosos, observado nos anos de 2022 e 2023, na região metropolitana de Londrina, Paraná.

A análise é contextualizada no momento de reabertura das atividades coletivas pós

¹¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGSOC) da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná, Brasil. E-mail: isabelle.andrade@uel.br.



pandemia de covid-19. De início, era proposto que os idosos falassem sobre suas experiências e sofrimentos acumulados durante o período em que o mundo viveu o pânico da doença, principalmente aqueles considerados grupos de risco, onde os idosos eram inclusos. Porém, o momento de reabertura do Centro de Convivência de Idosos (CCI), ascendeu em seus participantes a vontade de interagirem e compartilhar alegrias, o que reedirecionou o foco dessa pesquisa para a sociabilidade na velhice e os espaços em que essa se desenvolve. Ainda que, o sofrimento apareça em momentos de conversas com seus pares.

O CCI possui diversas atividades que estimulam o desenvolvimento das identidades dos sujeitos, se propondo a exercitar corpo e mente, ao mesmo tempo em que proporciona um convívio social entre pessoas da mesma faixa etária. Sendo dotado de aulas de artesanato, incluindo bordado, costura, crochê e tricô, aulas de canto e coral, teatro, dança e oficinas de alongamento.

Segundo a Cientista Social, Guita Grin Debert (2004), os programas voltados para idosos “[...] encorajam a busca da autoexpressão e a exploração de identidades de um modo que era exclusivo da juventude [...]”. Os Centros Convivência de Idosos, como o analisado neste trabalho, são responsáveis por proporcionar esse espaço de desenvolvimento da sociabilidade.

Esses espaços colocam os idosos em contato com outras pessoas que possam possuir interesses parecidos, ao mesmo tempo em que servem de local para o aprendizado de novas habilidades e criação de vínculos. Além disso, os CCIs são fundamentais para a saúde pública, já que proporcionam o acompanhamento de idosos que, muitas vezes, se encontram em situações de risco ou de abandono, e que necessitam de apoio das redes de assistência social e saúde.

As conversas e acompanhamentos das atividades no Centro foram realizadas em sua imensa maioria com mulheres. Inicialmente a pesquisa visava refletir sobre idosos em geral, porém após as observações o recorte de gênero precisou ser feito, o foco se tornou mulheres idosas e seus relatos de sociabilidade dentro do espaço de convivência.

Poucos são os homens que frequentam o Centro de idosos e a maior parte se mostrou fechado e relutante a aproximações. O que pode ser explicado, devido ao fato de que os homens idosos, em sua maioria, se sentem infantilizados e descaracterizados de sua masculinidade em espaços como esse. Para eles, posições que reafirmam a lucidez e a percepção crítica, seria o ideal para a manutenção dessa masculinidade e juventude (DEBERT; BRIGEIRO, 2012).

O trabalho de campo foi desenvolvido por meio da observação participante e registros sistemáticos em diário de campo, privilegiando as interações cotidianas e as narrativas dos interlocutores. Os nomes que aparecerão ao longo da pesquisa são fictícios, buscando proteger a identidade dos participantes.

A sociabilidade é compreendida aqui não apenas como convivência, mas como produção de vínculos, trocas simbólicas e construção de pertencimento. O Centro de Convivência emerge como espaço fundamental para a reorganização do cotidiano, a elaboração de perdas e para o exercício da autonomia.



2. VELHICES E ENVELHECIMENTOS

A velhice é um processo que está presente e se manifesta de muitas formas no imaginário social. Muitas das atribuições dadas à velhice pelos mais jovens, não representam a experiência que grande parte dos idosos vivem. Cercados por uma sociedade que engrandece a juventude, baseado em ideais comercializados de saúde e beleza, os quais caracterizam como prodigiosa a expansão do capital, que reelaboram concepções sobre o corpo e saúde (DEBERT, apud. JAMESON, 2004).

Essa cultura do consumidor se faz presente dentro da lógica do capital, responsabilizando individualmente o sujeito por uma dita qualidade de seu envelhecimento, que se torna um modelo padronizado, uma fórmula pronta para envelhecer “bem”.

O envelhecimento sendo uma experiência vivenciada tanto de forma singular quanto coletiva, não pode possuir uma receita que possibilite seu “sucesso”. Não é adequado nos referirmos a velhice como algo no singular e sim como um processo amplo, como velhices no plural (DOURADO, 2020).

A lógica do capital em sociedades ocidentais suprimiu a velhice como uma época de mentoria, de compartilhamento de experiências e sabedorias. Ao passo que transformou a juventude, que perdeu a conexão com um grupo etário específico e se converteu em um valor, em um bem conquistado através de estilos de vida e do consumo, em qualquer idade (DEBRT, 2004).

A capitalização da velhice cria sofrimentos para quem não alcança o ideal de vida. Colocando na categoria velhos, pensada como uma fase de falta de autonomia e de saúde fragilizada, aqueles que não possuem os meios, ou que não cultivaram ao longo de sua vida um envelhecimento visto como saudável. A velhice nos tempos do capitalismo de massa, deixa de ser uma responsabilidade do Estado e passa a ser individualizada, podendo ser excluída do campo de preocupações sociais (DEBERT, 2004).

O cenário criado para esses idosos que já podem se encontrar excluídos de um convívio social, pressionados por se pensarem inúteis dentro da lógica do mundo do trabalho, vistos como dependentes de familiares ou de instituições, é um cenário de sofrimento e culpa. De reflexões sobre o que poderia ser feito de diferente. Um sofrimento que é implantado na vida dessas pessoas, descaracterizadas de toda as suas experiências e contribuições para a vida atual. Vistas como um passado que se foi, mas que está presente, e que agora precisa ser cuidado pelos “adultos”, ilustradas, como visto na pandemia de COVID-19, como fardos econômicos e rombos na previdência social.

O mercado, demonizando a velhice, cria uma linguagem para se referir a essa fase da vida. Se tratando de velhos e aposentados, a denominação terceira idade vem para substituir a velhice estigmatizada e adotar um novo estilo de velhice dada como ativa, bela e saudável. “Os signos do envelhecimento são invertidos e assumem novas designações: ‘nova juventude’, ‘idade



do lazer” (DEBERT, 2004).

Da aposentadoria, aos centros de convivência, aos rituais de beleza, a ‘melhor idade’ surge para substituir a ‘velhice’ e separar aqueles que seriam da terceira idade (idosos ativos que se integram socialmente, se divertem, e que são responsáveis por si mesmos e muitas vezes por alguns familiares), dos ditos ‘velhos’ (idosos dependentes de alguém, com a saúde debilitada e vistos como portadores de perturbações físicas e mentais, aqueles acometidos pelo sofrimento).

Pensando nessas diferentes formas de viver essa fase, surgem grupos de convivência, universidades para idosos e novas formas que integrem essas pessoas no desenvolvimento de uma sociabilidade. “Não se trata mais apenas de resolver os problemas econômicos dos idosos, mas também proporcionar-lhes cuidados culturais e psicológicos, de forma a integrar socialmente uma população dita como marginalizada” (DEBERT, 2004).

3. O CENTRO DE CONVIVÊNCIA COMO ESPAÇO DE SOCIABILIDADE

A seleção dos participantes do Centro de Convivência de Idosos (CCI) estudado, na região metropolitana de Londrina, segundo relatos da assistente social, é feita partindo de um critério de grupo prioritário. Sendo esses idosos que sofrem algum tipo de violência, abandono, negligência e vulnerabilidade social. Esses são encaminhados ao centro pelo CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) ou CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social), devendo possuir o cadastro único. Porém, nem todos os que frequentam o CCI fazem parte de um grupo prioritário, alguns são aceitos por tentarem se inscrever em atividades e/ou por serem pessoas solitárias.

O Centro de Convivência de Idosos (CCI) atende cerca de 220 moradores da cidade, porém, com a pandemia de COVID-19, nem todos retornaram às atividades presenciais, tendo cerca de 150 idosos frequentes e o restante, que não retornaram as atividades, passaram a receber visitas domiciliares das assistentes e educadoras sociais.

O CCI funciona de segunda à quinta dá uma até as quatro horas da tarde, proporcionando atividades como artesanato e alongamento todos os dias, aula de canto, teatro e dança em dias selecionados. O local conta com o atendimento de uma assistente social e uma educadora social, profissionais que atuam especificamente no Centro, além de duas funcionárias na cozinha.

Durante boa parte de minhas visitas, logo no fim da quarentena e retorno das atividades, todas as oficinas eram de responsabilidade da assistente e educadora social, por falta de professores contratados. Ao longo do ano esses profissionais que faltavam passaram a ser admitidos pela prefeitura e a atuar no local, como professor (a) de teatro, canto e alongamento.

A assistente social conta que a instituição é responsável por atender toda a cidade e seu distrito, que na sexta feira é acompanhado por ela e pela educadora, que levam atividades até o local e verificam como estão aqueles idosos, repassando ao CRAS da cidade algumas situações quando necessárias.



No decorrer da pesquisa de campo foi possível perceber que esses idosos não voltaram por medo da doença, por estarem muito debilitados após esses anos de pandemia, ou por falta de acesso ao transporte público, que teve sua frota diminuída durante o isolamento social e não retornou sua atividade regular, mesmo após demandas das assistentes sociais, que levaram a situação dos idosos em pauta durante reuniões no Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa.

Muitos desses idosos que deixaram o convívio do Centro, não possuem condições físicas de caminhar a pé do terminal central da cidade ao centro de convivência. Esses frequentadores/as, antes da frota ser cortada, se dirigiam ao centro por uma linha que parava na rua em que ele se encontrava. A assistente social do local já repassou as demandas de transporte no Conselho da Pessoa Idosa, as quais não foram acatadas até o término desta pesquisa.

Esses atos das companhias de transporte afetaram a participação de diversos idosos no Centro, que continuaram a receber visitas domiciliares por não terem outra saída devido à dificuldade de locomoção. Os demais frequentantes, continuaram, ou porque possuem auxílio de alguém da família, ou porque ainda possuem condições físicas para chegar até o centro.

O Centro de Idosos encontrou-se fechado durante o período de março de 2020, até junho de 2021, devido a pandemia de COVID-19, impossibilitando a realização de oficinas e atividades de integração entre os participantes. Como uma alternativa às atividades presenciais, as assistentes encontraram nas visitas domiciliares um meio de manter contato e zelar pelo bem-estar dos idosos. As visitas começaram mais para o fim do ano de 2020 e foram realizadas desde então cerca de 1000 visitas.

Seguindo os protocolos de segurança, as assistentes não passavam do portão das casas e sua preocupação era voltada em saber como aquele sujeito estava físico e mentalmente, quem era responsável pelas compras da casa, e se os remédios e as visitas à Unidade Básica de Saúde (UBS) estavam em dia, além de levarem atividades e lembranças em datas comemorativas.

As visitas domiciliares não eram uma atividade recorrente no Centro de Convivência, porém após o fim do isolamento social, o programa continuou em andamento para atender aqueles idosos que, por medo da recém pandemia, ou impossibilidade, não voltaram a acompanhar as atividades.

A assistente social declarou que hoje em dia o Centro é até mesmo responsável por fazer visitas de seleção e encaminhar esses idosos para o CRAS e o CREAS. Atividade que deveria possuir um serviço próprio em cada município, porém, como o CRAS esteve sobrecarregado devido a pandemia, o Centro supre essas necessidades de visita e se identificam algum problema, aquele idoso é encaminhado ao órgão responsável.

Além desse impedimento físico de estar em atividades presenciais, que idosos em geral sofreram durante a pandemia em diversas camadas das interações sociais. O período pandêmico, como dito, ressalta o discurso que trata a pessoa idosa como problema social.



Segundo Carlos Kenning (2020), a pandemia e as posturas adotadas pelas autoridades durante ela, ressaltam o caráter necro da política brasileira, onde quem tem o poder pode decidir quem vive e quem morre.

Esse processo deixou os idosos mais ainda à margem da sociedade, nos fazendo pensar sobre qual sofrimento importa, quem merece viver, obter assistência pública tanto na saúde quanto em programas de assistência no geral, em um sistema que prioriza o indivíduo que estaria mais apto a servir o mundo do trabalho e o sistema capitalista.

Essa política do terror atacou idosos da forma mais abrupta possível, onde em alguns momentos, grupos da terceira idade foram proibidos de sair de casa, enquanto as demais pessoas poderiam circular nas ruas. O posicionamento do Estado perante a questão dos idosos como grupo de risco, segundo Kenning (2020) “privatiza” em seu discurso a gestão da saúde e do bem-estar de pessoas velhas, passando a responsabilidade de ‘conter’ os idosos em casa para a família, ou para o indivíduo em si. O isolamento foi afrouxado diversas vezes, fundamentado em um discurso que afirmava que a doença atingiria com força apenas os grupos de risco. Voltando a vida ao ‘normal’, pois o perigo era ‘apenas’ a morte de velhos.

A pandemia, além de trazer impactos para a saúde mental, física e a noção de pertencimento social do idoso, ainda acabou por afrouxar alguns de seus direitos adquiridos, como aconteceu no caso estudado a respeito do transporte público até o centro de convivência, o qual não possui mais linhas que chegam diretamente até lá. Linhas essas que foram canceladas durante a pandemia e não são mais lucrativas para a empresa disponibilizar o acesso.

Para Kenning (2020) a sensação que fica em muitos é de “se descobrirem como uma ‘existência de segunda classe’, de serem um ‘peso morto’”. Partindo desses fatores que a investigação no Centro de Convivência foi realizada, procurando refletir sobre como o idoso se constrói como sujeito na sociedade através das trocas proporcionadas pela interação com sua própria faixa etária, e de que formas a pandemia atacou esses indivíduos em seu âmbito pessoal e social.

Em resumo, não foi só o vírus que afetou a presença dos idosos nesses locais de sociabilidade, mas as consequências diversas que esse trouxe, tanto no âmbito emocional, familiar, quanto na questão pública.

O Centro possibilita o desenvolvimento de atividades que conversem com a faixa etária daqueles que frequentam, criando um sentimento de pertencimento àqueles que se sentem tão de fora de nossa sociedade. Excluídos da sociedade em geral, que os isola dos processos de interação e muitas vezes trata o idoso como um fardo, essas pessoas encontram nesse espaço reservado, um local onde podem criar vínculos e manifestar suas identidades.

O vínculo não é apenas estabelecido entre aqueles que são o público alvo do local, mas também entre esses e os assistentes, educadores sociais e equipe de gestão. As funcionárias do local inspiram carinho e consideração em muitos do Centro, incluindo José que relatou que era apaixonado por escrever versos e moda de viola, e que teria dedicado um desses às



assistentes e educadoras do Centro, como forma de homenagem, pois elas eram muito amáveis com as pessoas que ali frequentavam.

Muitos idosos carregam uma grande carga de sofrimentos e perdas durante suas vidas. Nesse contexto, Centros de Convivência, grupos de jogos, caminhadas, alongamentos e demais grupos de interação, se tornam um grande elo na vida social desses sujeitos.

Esse elo é estabelecido através de um ambiente que favorece o desabafo, o apoio e o compartilhamento de experiências. Porém, isso não torna o Centro um local enraizado em experiências tristes e ambientado em um clima ruim. Pelo contrário, experiências, mesmo que profundas e pesadas, são tratadas como acontecimentos naturais da vida, recebidos com certo apoio pelos demais integrantes, e logo superadas por alguma atividade, uma experiência engraçada de um colega, um outro assunto abordado, ou até uma piadinha de algum amigo. O sofrimento está presente, mas ele não é o foco da interação.

Como por exemplo a experiência de Tereza no Centro, a qual frisou que teria feito sua primeira amiga de verdade frequentando esses grupos e espaços e que mantinha a amizade dentro deles. O fato curioso de essa talvez ser a primeira amizade fortificada de sua vida, perpassa alguns fatores como uma maior liberdade de desenvolvimento pessoal na aposentadoria. Quando, principalmente para mulheres, os filhos saem de casa e as obrigações conjugais não são mais o fator principal de suas vidas. Para alguns idosos esses espaços e redes de sociabilidade podem até mesmo amenizar sofrimentos e enriquecer suas redes de contatos, através do compartilhamento de experiências, novos aprendizados e interações.

4. GÊNERO, FAMÍLIA E AUTONOMIA

Um dos assuntos que surge com frequência nas rodas de conversas entre idosas, envolve relacionamentos passados, atuais e as dinâmicas entre homens e mulheres no geral. Destaco aqui que o foco dos relatos desta pesquisa é em mulheres idosas, não por um recorte prévio, mas devido às circunstâncias. O CCI observado é frequentado por poucos homens, e os que estão ali não eram tão receptivos às conversas, se fechavam apenas entre si, jogando seus jogos e praticando o alongamento com os demais.

Era constante as reclamações de idosas, que se interessavam por dançar em pares, sobre não ter homens suficientes para todas dançarem e que não iriam se juntar à outras mulheres, embora algumas idosas formassem pares entre si buscando incentivar as demais. É importante destacar que antes de se referir a um desejo de conjugalidade heterossexual, a dança pode se manifestar como uma performance de gênero, onde para cumpri-la de forma “exemplar”, existe a necessidade para esse público, de que ela seja performada com uma pessoa do sexo oposto. No sentido de que, para essas pessoas, o desempenho da performance não seria o mesmo se executado de outra forma.

Para aquelas que ainda querem encontrar um par e dançar, e diziam que “aqui não tem homem pra gente não”, Dona Lúcia as convidava para os bailes da terceira idade que aconteciam



na sexta à noite em outros locais. Os quais, segundo ela, eram ótimos para encontrar um namorado.

Debert e Brigeiro (2012), já haviam relatado em seu trabalho “A Erotização da Velhice”, que nessa época da vida o sujeito pode desenvolver outros aspectos de sua sexualidade, que não sejam mais puramente focados no sexo de forma reprodutiva, com ênfase nos genitais, mas que agora possa ser um período tratado de forma leve, onde o indivíduo se possibilite descobrir outras formas de sentir prazer e amor.

Outros tipos de contato físico e olhares podem ser descobertos como prazerosos nessa idade expressa, pelos gerontólogos, como propícia para essa descoberta, já que agora essas pessoas não teriam necessariamente mais obrigações com a criação de filhos e família (DEBERT, BRIGEIRO, 2012). Isso pode ser percebido na manifestação do desejo das idosas do Centro, por um parceiro de dança, alguém que as acompanhasse nos bailes, nas atividades do CCI e que soubesse dançar bem para guiá-las.

O assunto namoro possui opiniões controversas entre as senhoras. Em uma conversa durante um jogo de dominó, algumas idosas faziam brincadeiras sugestivas direcionadas a Rute, que segundo elas estaria nervosa com a visita do namorado que estava chegando ao centro. Rindo Rute declarou que não estaria nervosa e que o atual “paquera”, em suas palavras, foi apaixonado e teria “corrido atrás” dela desde sua juventude, e que apesar dele ter se desiludido quando ela se casou, para a senhora, o pretendente teria esperado seu marido morrer para dar continuidade ao romance.

O namorado de Rute chegou para visitá-la e entrou no centro apenas para buscá-la para conversar do lado de fora, não se interessando pelo centro ou por nenhuma interação que estava acontecendo no local.

A diferenciação de “universos” masculinos e femininos ainda se mostra presente na velhice. Um exemplo é o fato de o Centro ser um local majoritariamente frequentado por mulheres. Debert (2004) já havia se perguntado sobre essa questão ao questionar se os homens não participavam de atividades associativas, e chegou a conclusão que para encontrá-los, deveríamos olhar para associações e espaços urbanos.

É esse ethos masculino avesso à demonstração sentimental, provedor, protetor, criador que os programas para a “terceira idade” negam, na medida em que consideram que a terceira idade é um momento de repensar a vida, refazer projetos e desenvolver novos relacionamentos. (DEBERT; BRIGEIRO, 2012, p. 19)

As mulheres com quem conversei, que ainda eram casadas, declararam que sempre convidavam os maridos para participar das atividades do Centro, mas que isso não os interessava. Já algumas das viúvas são relutantes em desenvolver relacionamentos e apresentam até uma tendência ao afastamento dos homens. Além disso, os poucos senhores frequentantes do local, se fecham em seu grupo de homens e não apresentam muita abertura para os demais.

Enquanto algumas senhoras se divertiam com o romance de Rute, outras aproveitaram



o assunto para declarar sua falta de interesse pelo namoro. Muitas afirmaram que não se casariam novamente de jeito nenhum, como quando uma das senhoras disse: “eu faço tudo em casa, até lavo o teto, mas não caso de novo”. Essa declaração recebeu a concordância de muitas presentes.

Na velhice pode haver uma diminuição da atividade sexual das mulheres, associada ao surgimento de doenças, e/ou indiferença de seus cônjuges, e à sobrevida masculina (DEBERT; BRIGEIRO; 2012). No caso observado, algumas das viúvas apresentavam ressentimento da vida amorosa e conjugal, que por suas declarações, pareciam ter cobrado muito.

Hoje em dia, algumas das senhoras que compartilharam sobre sua experiência preferem dedicar o tempo a si, aos netos e às atividades do Centro. Debert (2012) já diria que a velhice é um tempo de libertação, na medida em que as mulheres podem desprender de sua função reprodutiva e das convenções do mundo feminino.

Beatriz, declarou que as mulheres dedicam a vida toda aos maridos e não recebem nada em troca. Disse que havia se separado do marido, pois este a teria traído, porém anos depois ela teria se mudado para a casa dele, para cuidar do ex após descobrirem que ele sofria de esclerose múltipla. Beatriz disse que mesmo após a morte do ex-marido decidiu não sair da casa que era dele, pois esta seria mais confortável para suas necessidades, e que hoje em dia vive sozinha e prefere assim.

A decisão de Beatriz reflete em um dado relativamente comum entre mulheres viúvas ou divorciadas. Segundo Glaser (1997), por apresentar maior expectativa de vida, em geral, as mulheres idosas passam uma grande parte de suas vidas como viúvas, com maior chance de viverem sozinhas (CAMARGOS; RODRIGUES; MACHADO; 2011).

Mesmo possuindo filhos, Beatriz escolheu viver sozinha, em uma residência que segundo ela seria mais confortável para sua independência. Mulheres como ela, fariam parte de 16,7% da população de mulheres idosas brasileiras que vivem só (ROMERO, 2002). Segundo dados da PNAD, em contrapartida, os homens que vivem sozinhos simbolizam apenas 8,7% da população masculina idosa, sendo que o restante, 80,9%, ainda vive com seu cônjuge.

O caso dos homens é fortemente influenciado por sua expectativa de vida ser inferior. Já as mulheres seriam a população que atinge maiores níveis de solidão em idade avançada (CAMARGOS; RODRIGUES; MACHADO; 2011). Solidão essa, descrita como alguém que vive sozinho e não que está só, como é o caso de Beatriz, que mesmo narrando com ressentimento sobre sua história de vida familiar, ainda encontra no espaço de sociabilidade do Centro de Idosos um conforto, onde pode interagir com as amigas que fez ao longo da vida, ou naquele mesmo local.

Em contraste com a vivência de Beatriz, temos os relatos de Betinha, fazendo parte de 23,5% das mulheres idosas que vivem com os filhos sem os cônjuges. Se tratando de países do sul global é mais comum encontrarmos esse modelo de família extensa, onde os filhos e netos se apoiam na rede de proteção dos avós. Cria-se então uma rede de apoio e sociabilidade que



pode ser mútua, beneficiando todos os indivíduos igualmente, ou pode ser mais benéfico para uns do que para outros (CAMARGOS; RODRIGUES; MACHADO; 2011).

No caso de Betinha, esse intercâmbio parece ser necessário para que a família não se constitua apenas como uma rede de proteção em relação à idosa, mas a seu filho mais novo, que possui necessidades especiais. Betinha, mesmo vista pelas assistentes sociais como uma idosa frágil, e facilmente apontada como exemplo de alguém que precisa ser cuidado e não que cuida, como ocorreu na pandemia, é um grande suporte para sua família. Não só ao filho mais novo, mas também ao mais velho, seus netos e nora, que vivem em um conjugado no terreno da casa que construiu com o marido.

Betinha narrava sua vida como de uma pessoa que estava presente para a família, mas que não possuía uma reciprocidade, que seria emocionalmente afastada por eles. Todas as atividades de interação e sociabilidade de seu dia a dia, descritas por ela, excluía a família. Como em seu relato sobre os filhos não se interessarem por levá-la a nenhuma atividade e que quem promoveria o seus interesses culturais e seus hobbies, seria a educadora social. Bete declarou que acompanhava a educadora a 20 anos, a qual teria proporcionado sua distração primordial, durante o período de quarentena, lhe ensinando artesanato. O que a teria mantido distraída em um momento que se isolava até mesmo da própria família.

A educadora social, também uma mulher idosa, deixou de se constituir apenas como uma figura burocrática que ensina em um Centro de Interação para Betinha. Ela se torna elo de sua socialização, visto que Betinha frequenta o Centro há anos por ela, e sempre se refere à educadora com muito carinho.

O espaço de sociabilidade da família, não deixa de ser fundamental para Betinha, porém esta não se constitui como única e total, como trabalhado por Aquino e Cabral (2002) a família perde gradativamente sua centralidade na vida dos idosos e passa a fazer parte de sua rede de relações sociais (CAMARGOS; RODRIGUES; MACHADO; 2011). A sociedade estaria valorizando mais a independência, e, mesmo Betinha vivendo com a família, sua independência é uma parte grande de sua vida, ainda que, em alguns casos, essa independência ainda reflita em um abandono emocional.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das experiências vividas no Centro de Convivência de Idosos evidencia que a velhice deve ser compreendida como um processo plural, marcado por trajetórias sociais distintas, relações de gênero e diferentes experiências de classe. O estudo demonstrou que espaços institucionais de convivência desempenham papel fundamental na construção de redes de sociabilidade, oferecendo suporte emocional, oportunidades de interação e possibilidade de ressignificação das experiências individuais.

No contexto pós-pandemia, esses espaços tornaram-se ainda mais relevantes, uma vez que o isolamento social intensificou sentimentos de solidão, fragilidade e exclusão entre a



população idosa. As atividades desenvolvidas no Centro possibilitam a criação de vínculos, o compartilhamento de experiências e a reconstrução do sentimento de pertencimento social.

Além disso, a predominância feminina no espaço evidencia como gênero influencia as formas de participação e sociabilidade na velhice. Enquanto muitas mulheres encontram nesses ambientes oportunidades de autonomia, amizade e redescoberta de projetos pessoais, a baixa presença masculina aponta para a permanência de valores associados à masculinidade que dificultam sua inserção em espaços institucionais de convivência.

Desse forma, conclui-se que os Centros de Convivência constituem importantes instrumentos das políticas públicas voltadas ao envelhecimento, contribuindo não apenas para o bem-estar individual, mas também para o enfrentamento do isolamento social e para a valorização das múltiplas formas de vivenciar a velhice.

6. REFERÊNCIAS

- AMÂNCIO, Hélder. **“Drama Social” e “Liminaridade” em tempos de Covid-19**. In: GROSSI, Miriam; TONIOL, Rodrigo. **Cientistas Sociais e o Coronavírus**. 1. ed. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. (479) – (482).
- BELTRÃO, Jane. **Autonomia não se confunde com teimosia! Discriminação por idade em tempos de COVID-19**. In: GROSSI, Miriam; TONIOL, Rodrigo. **Cientistas Sociais e o Coronavírus**. 1. ed. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. (608) – (611).
- CAMARGOS, Mirela; RODRIGUES, Roberto; MACHADO, Carla. **Idoso, família e domicílio: uma revisão narrativa sobre a decisão de morar sozinho**. R. bras. Est. Pop., Rio de Janeiro, v. 28, n.1, p. 217 - 230, jan./jun. 2011.
- CAMPOS, Marcelo da Silveira. **A cidadania vertical no Brasil: o caso do coronavírus**. In: GROSSI, Miriam; TONIOL, Rodrigo. **Cientistas Sociais e o Coronavírus**. 1. ed. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. (165) – (167).
- Chiara Pussetti e Micol Brazzabeni, **«Sofrimento social: idiomas da exclusão e políticas do assistencialismo»**, *Etnográfica* [Online], vol. 15 (3) | 2011, posto online no dia 23 outubro 2011, consultado o 10 fevereiro de 2022. URL: <http://journals.openedition.org/etnografica/1036>; DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.1036>.
- DEBERT, Guita Grin; BRIGEIRO, Mauro. **A Erotização da Velhice**. 36º Encontro Anual da ANPOCS. GT. Sexualidade e Gênero: Sociabilidade, Erotismo e Política. 2012.
- DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. 1. Ed. 1. Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004.
- DOURADO, Simone. **A pandemia de COVID-19 e a conversão de idosos em “grupo de risco”**. Cadernos de Campo (São Paulo, online), vol.29, p. 153 – 162. USP, 2020.
- DOURADO, Simone. **Como pensar a velhice em tempos de coronavírus**. In: GROSSI, Miriam; TONIOL, Rodrigo. **Cientistas Sociais e o Coronavírus**. 1. ed. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. (616) – (618).
- GONÇALVES, Danyelle. FILHO, Irapuan. SANTOS, Harlon. FREITAS, Rafael. **A vida na quarentena: Deslocamentos e aglomerações de pessoas em Fortaleza**. In: GROSSI, Miriam; TONIOL, Rodrigo. **Cientistas Sociais e o Coronavírus**. 1. ed. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. (206) – (209).
- HENNING, Carlos Eduardo. **Nem no Mesmo Barco nem nos Mesmos Mares: gerontocídios, práticas necropolíticas de governo e discursos sobre velhices na pandemia da COVID-19**. Cadernos de Campo (São Paulo, online), vol. 29, n.1. p. 150 – 155. USP, 2020.
- PACHÁ, Andrea. **Velhos são os outros**. Editora Intrínseca Ltda. Rio de Janeiro, 2018.
- PAIT, Heloisa. **A vida dos “velhinhos”, as conexões sociais e as lideranças institucionais**. In: GROSSI, Miriam; TONIOL, Rodrigo. **Cientistas Sociais e o Coronavírus**. 1. ed. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. (604) – (607).